



Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ

Disciplina: Língua Portuguesa

Coordenador: Lucas Matos

2º ano - 2A, 2B e 2D Prof^{as}: Adriana Gonçalves e Carlos Henrique Fonseca

Aluno(a): _____ N^o: ____ Data ____/____/____

Material elaborado pela estagiária Candice Pantoja

APOSTILA 6: O ANTI-HERÓI NO ROMANTISMO BRASILEIRO

1º Capítulo - ORIGEM, NASCIMENTO E BATISMO.

“Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo - O canto dos meirinhos-; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o processo.

Daí sua influência moral.

Mas tinham ainda outra influência, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influência que derivava de suas condições físicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaisquer outros; nada têm de imponentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartório ou contínuo de repartição. Os meirinhos desse belo tempo não, não se confundiam com ninguém; eram originais, eram tipos, nos seus semblantes transluzia um certo ar de majestade forense, seus olhares calculados e sagazes significavam chicana. Trajavam sisuda casaca preta, calção e meias da mesma cor, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocrático espadim, e na ilharga direita penduravam um círculo branco, cuja significação ignoramos, e coroavam tudo isto por um grave chapéu armado. Colocado sob a importância vantajosa destas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era terrível quando, ao voltar uma esquina ou ao sair de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquelas solenes figuras que, desdobrando junto dele uma folha de papel, começava a lê-la em tom confidencial! Por mais que se fizesse não havia remédio em tais circunstâncias senão deixar escapar dos lábios o terrível *Dou-me por citado*. — Ninguém sabe que significação fatalíssima e cruel tinham estas poucas palavras! eram uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo; queriam dizer que se começava uma longa e afadigosa viagem, cujo termo bem distante era a caixa da Relação, e durante a qual se tinha de pagar importe de passagem em um sem-número de pontos; o advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, inexoráveis Carontes, estavam à porta de mão estendida, e ninguém passava sem que lhes tivesse deixado, não um óbolo, porém todo o conteúdo de suas algibeiras, e até a última parcela de sua paciência.

Mas voltemos à esquina. Quem passasse por aí em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam-cadeiras de campanha-um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo sobre que era lícito conversar: na vida dos fidalgos, nas notícias do Reino e nas astúcias policiais do Vidigal. Entre os termos que formavam essa equação meirinhhal pregada na esquina havia uma quantidade constante, era o Leonardo-Pataca. Chamavam assim a uma rotunda e gordíssima personagem de cabelos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachorrento; com sua vagareza atrasava o negócio das partes; não o procuravam; e por isso jamais saía da esquina; passava ali os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos cinquenta era a sua infalível companhia. Do hábito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a módica quantia de 320 réis, lhe viera o apelido que juntavam ao seu nome.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa

Maria da hortalica, quitandeira das praças de Lisboa, salaia rechonchuda e bonita. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos. Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história. Chegou o dia de batizar-se o rapaz: foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas dúvidas: o Leonardo queria que fosse o Sr. juiz; porém teve de ceder a instâncias da Maria e da comadre, que queriam que fosse o barbeiro de defronte, que afinal foi adotado. Já se sabe que houve nesse dia função: os convidados do dono da casa, que eram todos d'além-mar, cantavam ao desafio, segundo seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a rabeca, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do ofício. A princípio o Leonardo quis que a festa tivesse ares aristocráticos, e propôs que se dançasse o minuete da corte. Foi aceita a ideia, ainda que houvesse dificuldade em encontrarem-se pares. Afinal levantaram-se uma gorda e baixa matrona, mulher de um convidado; uma companheira desta, cuja figura era a mais completa antítese da sua; um colega do Leonardo, miudinho, pequenino, e com fumaças de gaiato, e o sacristão da Sé, sujeito alto, magro e com pretensões de elegante. O compadre foi quem tocou o minuete na rabeca; e o afilhadinho, deitado no colo da Maria, acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio. Isto fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso, e fosse obrigado a recomeçar outras tantas.

Depois do minuete foi desaparecendo a cerimônia, e a brincadeira *aferventou*, como se dizia naquele tempo. Chegaram uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lírica do divertimento. Sentou-se num tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um belo efeito cômico vê-lo, em trajes do ofício, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monótono zum-zum nas cordas do instrumento o garganteando de uma modinha pátria. Foi nas saudades da terra natal que ele achou inspiração para o seu canto, e isto era natural a um bom português, que o era ele. A modinha era assim:

Quando estava em minha terra,

Acompanhado ou sozinho,

Cantava de noite e de dia

Ao pé dum copo de vinho.

Foi executada com atenção e aplaudida com entusiasmo; somente quem não pareceu dar-lhe todo o apreço foi o pequeno, que obsequiou o pai como obsequiara ao padrinho, marcando-lhe o compasso a guinchos e esperneios. À Maria avermelharam-se-lhe os olhos, e suspirou.

O canto do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus às cerimônias. Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando viam-se passar através das rótulas da porta e janelas umas certas figuras que denunciavam que o Vidigal andava perto.

A festa acabou tarde; a madrinha foi a última que saiu, deitando a bênção ao afilhado e pondo-lhe no cimeiro um raminho de arruda. (...)”

Fonte: ALMEIDA, Manuel Antônio. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

O capítulo 1 é um fragmento do romance **“Memórias de Um Sargento de Milícias”** do autor Manuel Antônio de Almeida. A obra conhecida como “Romance de costumes”, afastada do ideal romântico da época, traz **personagens caricatos**, descritos por suas características **engraçadas**, pelos seus encontros e desencontros nas **situações mais adversas e cômicas**.

Os **heróis castos** não são narrados na obra, até porque, o modelo ideal, neste caso, foi **subvertido**, deu lugar ao **anti-herói**, muito próximo aos **pícaros da literatura espanhola**, cujo as histórias são relatadas a partir da **“necessidade de sobrevivência”** devido às circunstâncias de suas vidas. Não é o caso do nosso herói (Quero dizer, anti-herói) — **Leonardo Filho** — nascido de uma **“pisadela e de um beliscão”**, embora tenha sido abandonado pelos pais, não precisou fazer esforços para sobreviver, pelo contrário, foi apadrinhado pelo compadre de Leonardo-Pataca — pai de Leonardo Filho.

Os pícaros são **submetidos a malandragem** devido a históricos de sofrimentos, abandonos, necessidades, etc. que a vida os impõem. Leonardo Filho, já **nasce malandro** e usa de artimanhas para se livrar das suas próprias peripécias.

As aventuras do anti-herói são narradas por meio das construções **características** dos personagens, além das **relações existentes** entre eles, a variação do espaço é de importância secundária. Os **dados concretos do real**, são apresentados sutilmente por algumas expressões, um exemplo é: “tempo do rei”. Esse **externo, generalizado**, é narrado em dualidade com o fictício, transformando as situações externas em algo mais figurativo.

Outro ponto que podemos abordar no romance é a construção da **ordem e da desordem**, representado pelos personagens em suas mais diversas situações. Ora o personagem da “ordem”, **troca de lugar** com o personagem da “desordem” e vice-versa.

Nos romances que narram as histórias dos pícaros, há sempre um **aprendizado**. Já no romance do nosso “herói”, não há um aprendizado — Leonardo Filho **não aprende nada, tão pouco demonstra interesse** — na sua “nada mole vida”, o anti-herói termina casado com Luisinha, dono de cinco heranças e na posição de **Sargento**.

(Fontes consultadas: Candido, Antonio. *O discurso e a cidade* - Dialética da Malandragem. São Paulo: Duas Cidades, 1993. *O romance em moto contínuo*, p.215-220)

Questões

1) O romance “Memórias de Um Sargento de Milícias” se afasta do perfil ultrarromântico. De acordo com a leitura do fragmento, **explique** essa afirmativa e, em seguida, **exemplifique** com trechos extraídos do fragmento.

2) Leonardo Filho, personagem principal, é descrito como “herói” no seguinte trecho: “E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.” **Explique** a ironia presente nesta caracterização de Leonardo.

3) No fragmento acima há uma descrição complexa do espaço que, por sua vez, influencia a moral dos meninos que crescem nesse lugar. **Explique** como a (des)ordem do espaço afeta o protagonista.
